

Atrelar Senado e Câmara, a saída

O PMDB está muito bem no Senado - deve eleger dois, em tem chance de fazer os três candidatos - mas em compensação o PFL dispara na Câmara. A surpresa positiva é o PSB, que tem um bom candidato ao Senado, outro bom candidato à Câmara, e a votação isolada de José Ornelas, do PL. A surpresa negativa é o fraco desempenho do PDT, tanto para a Câmara quanto para o Senado.

São algumas das lições que se extraem da pesquisa Multi-LMP, divulgada ontem. A pesquisa aponta alguns caminhos óbvios: o PMDB pode melhorar sua posição na Câmara, e deve fazê-lo, desde que atrela seus nomes mais fortes para a Câmara aos dos candidatos para o Senado. Da mesma forma que o PFL pode melhorar sua posição no Senado desde que os candidatos a deputado mais fortes atuem juntos com os candidatos a senador. O PSB tem mais chances para o Senado, uma eleição majoritária, do que para a Câmara - eleição onde o que conta não é apenas a votação individual, mas a soma dos votos da legenda - e só um de seus candidatos se destaca.

O PDT também pode crescer, mais nenhum de seus candidatos deslanhou. Até agora. Quanto ao PT, que aparece bem para o Senado, não tem muitas chances na Câmara, pela dificuldade de conseguir uma boa soma de votos de legenda. O candidato Juarez Fernandes, o "companheiro Juarez", o autêntico homem do chapéu, do PMN, embora aparece bem individualmente, não tem quase nenhuma chance, pelas mesmas razões.

O SENADO

Mesmo faltando mais de 70 dias para as eleições, a pesquisa Multi-LPM aponta algumas tendências que devem se manter até 15 de novembro. Assim, os três senadores dificilmente deixarão de estar na seguinte lista: Meira Filho (embora seu companheiro de sublegenda, Lindberg Aziz Cury, possa surpreender), Pompeu de Souza e Múcio Athayde, do PMDB (se a decisão do TRE de impugnar a candidatura do "homem do chapéu" não for mantida pelo TSE), Alvaro Costa, do PSB, José Ornelas do PL, Venâncio da Sil-

Meira vê gratidão

Meira Filho, tranquilo e até com certa humildade, atribui o destaque de seu nome nas pesquisas aos quase 30 anos de trabalho junto à comunidade, servindo - destaca ele - sem objetivos eleitoreiros com elos de ligação entre o Governo e os mais necessitados. Entre os cidadãos e seus familiares distantes. Diz que ajudou a construir Brasília e agora que ela está orgânica e fisicamente consolidada demonstra sua gratidão ao dar preferência a seu nome na luta pela consolidação política.

Meira chegou aqui em 1959, trazido por JK e foi no Planalto Central, segundo declara, que começou a descobrir um novo Brasil, muito diferente daquele visto e vivido nas cidades do litoral. Seu principal instrumento de ação comunitária - como diz - foi o rádio e algumas incursões pela televisão. Fala que mesmo antes do Chacrinha, ele já dizia "Alô Terezinha" ante as câmaras de TV, no seu programa de calouro.

Acredita que o povo de Brasília vê nele um seu igual. Trabalhador assalariado. Diz não prometer nada em sua campanha de casa em casa, tomando cafézinho com um e outro, em cada uma delas recebido como se fosse membro antigo da família, graças a seus programas no rádio.

Na Assembléia Nacional Constituinte, se for eleito, Meira pretende representar os anseios e necessidades de sua gente que em conversas com ele sempre manifesta suas preocupações com saúde, emprego, habitação, segurança e custo de vida. Adverte, porém, que não promete nada ao eleitor, mas vai se comprometendo na sua caminhada pelas ruas das cidades satélites, seu maior reduto eleitoral. Sua participação na Constituinte, vê como uma missão histórica.

va e Osório Adriano, do PFL, Lauro Campos, do PT, e Maurício Correia, do PDT.

As chances maiores são de Meira Filho, Alvaro Costa, Pompeu de Souza e José Ornelas. Fernando Antônio Conde, do PMN, aparece relativamente bem, mas dificilmente conseguirá manter-se no mesmo patamar até novembro, por falta de estrutura partidária. Dos que não aparecem bem, dois nomes são lembrados, como tendo alguma chance de crescer: Sebastião Gomes da Silva, o "Tião Padeiro", do PTB e Aref Assreuy, do PDS (que terá muito tempo na TV).

Com a sublegenda, ficam prejudicados Benedito Domingos, do PFL (companheiro de Osório), Lindberg Aziz Cury, do PMDB (companheiro de Meira), e Carlos Murilo, do PMDB (companheiro de Pompeu de Souza), todos com espaço para crescer. Maerle Ferreira Lima, também do PMDB, está na dependência da decisão do TSE, quanto à impugnação da candidatura de seu companheiro de sublegenda, Múcio Athayde. Explica-se: ele esperava crescer como o anti-Múcio.

A CÂMARA

Quanto aos candidatos à Câmara, o PFL aparece melhor (tem 12,7 por cento na legenda), vindo logo após o PSB (tem 6,3 por cento na legenda), e em terceiro o PMDB (tem 5, por cento na legenda). No entanto, qualquer projeção é mais difícil, em função do altíssimo índice de indecisos - acima de 60 por cento. O PDT aparece mal, assim como o PT.

As projeções mais confiáveis indicam o PFL, elegendo três ou quatro candidatos, o PMDB elegendo dois ou três, com as demais vagas (de 1 a 3) sendo disputadas pelos demais partidos, com maiores chances para o PDT (que pode eleger um ou dois), o PSB (que pode eleger um, Rose), e o PT (que pode eleger um). A quantidade de indecisos amplia a área de manobra dos partidos, para obter mais votos.

De acordo com a pesquisa, os candidatos mais fortes do PFL são Walmir Campello e Maria de Lurdes Abadia, bem à frente dos outros, e mais atrás Esaú de Carvalho, Jofran

Frejat e Doriel de Oliveira. Além destes, há alguns candidatos que podem crescer: Eurides Brito, José Geraldo Macial e Francisco Brandes e Nascimento Paulino.

No PSB, Rosemary - que teve o maior índice, individualmente é a única com chances reais. Resta saber se os seus companheiros de partido contribuirão para aumentar os votos da legenda. Também com votação individual razoável, Juarez Fernandes, o "companheiro Juarez", corre absolutamente solitário no PMB, e dificilmente conseguirá alguma coisa.

No PMDB, os candidatos mais votados são Márcia Kubitscheck, Geraldo Campos, Fernando Tolentino, Zamor Magalhães e Paulo Nardelli. Além destes, cinco nomes podem crescer, na avaliação do partido: Luís Carlos Sigmar, Marco Antônio Campanella, Francisco Carneiro, José Oscar e Joselito Correia.

No PDT, só há um destaque individual: Geraldo Vasconcelos. Mas o partido ainda pode crescer, e quatro nomes são lembrados: Aidano Farias, Marcos Terena, Hélio Doyle e Benício Tavares. Aidano é o advogado do caso Mário Eugênio, Terena é o representante dos índios e do movimento alternativo. Doyle foi dirigente sindical com ampla liderança e Benício é o líder dos deficientes físicos, e fala pelas minorias. Paulo Sérgio, do PJ, que faz coligação com o PDT, aparece bem na pesquisa.

No PT, só aparece bem José Luiz Ramos, presidente do diretório do partido em Brasília. Mas a legenda continua fraca, e terá dificuldades em eleger alguém. Fala-se em três candidatos que podem crescer: Chico Vigilante, Orlando Cariello e Luís Rossi.

Nos demais partidos, há poucos nomes que podem crescer: Augusto Carvalho, do PCB, ainda tem espaço - mas terá dificuldades para obter uma vaga pela fraqueza da legenda. Eustáquio Santos, do PS, aparece razoavelmente, e pode crescer, ainda mais que seu partido está coligado com o PMDB. Eolo Palha, do PDC, também aparece bem, mas deve perder espaço em função da fraqueza da legenda.

MARCOS HENRIQUE



Alguns candidatos sentiram o gosto da vitória

Mais votados para o Senado

Meira Filho (PMDB) — 30,5%
Alvaro Costa (PSB) — 21,8%
José Ornelas (PL) — 15,6%
Pompeu de Souza (PMDB) — 15,0%
Múcio Athayde (PMDB) — 7,7%
Antônio Venâncio da Silva (PFL) — 6,3%
Lindberg Aziz Cury (PMDB) — 6,0%
Lauro Campos (PT) — 5,6%
Osório Adriano Filho (PFL) — 4,5%
Maurício Corrêa (PDT) — 4,5%
Maerle Ferreira Lima (PMDB) — 4,4%
Carlos Murillo (PMDB-Sublegenda) — 3,9%
Nilson Curado (PSB) — 3,5%
Fernando Antônio Conde (PMB) — 3,2%
Benedito Domingos (PFL-Sublegenda) — 2,9%
Arlete Avelar Sampalo (PT) — 1,6%
Léa Sayão (PMC) — 1,5%
Paulo Xavier (PFL) — 1,5%
Carlos Alberto Torres (PCB) — 1,5%
Paulo Cassis (PC do B) — 1,3%
César Rômulo (PL) — 1,3%
Newton Rossi (PDC) — 1,3%
Tito Figueira (PDT) — 1,1%
Valério Gonçalves (PDT) — 1,1%
Pitanga Seixas (PDS) — 1,0%
Antônio Joaquim da Costa Dourado (PPB) — 1,0%
José Pinto da Rocha (PTB) — 1,0%
Nísio Tostes (PSC) — 0,8%
João Crisóstomo (PSB) — 0,8%
Aref Assreuy (PDS) — 0,8%
João Leal Neto (PS) — 0,8%
Alberto Peres (PDC) — 0,8%
Edílio Gomes de Matos (PFL-Sublegenda) — 0,6%
Roberto Pereira (PMN) — 0,6%
Enio Queiroz (PSC) — 0,5%
Sebastião Gomes da Silva (PTB) — 0,5%
Antônio Duarte (PL-Sublegenda) — 0,5%
Geraldo Lima de Aguiar (PPB) — 0,3%
Sebastião Bortoni (PMC) — 0,3%
Othon Pio de Abreu (PFL-Sublegenda) — 0,2%
Henrique Fagundes (PN) — 0,2%
José Bonifácio Galvão (PMC) — 0,2%